

# O tema como quadro: uma oportunidade de sinergia entre Inteligência, Comunicação Social e Operações Psicológicas

*The theme as a frame: an opportunity to find synergy regarding Intelligence, Social Communication and Psychological Operations*

**Resumo:** O presente estudo parte da aproximação da ideia de enquadramento, como atividade componente da desinformação soviética sobre sociedades ocidentais, com o conceito de enquadramento definido por ERWIN GOFFMAN (2012), para delinear como cada uma das Capacidades Relacionadas à Informação (CRI) produtoras de discurso – Inteligência, Comunicação Social e Operações Psicológicas – relaciona-se com os quadros da experiência social. Observam-se, então, convergências entre a Inteligência e os esquemas primários, a Comunicação Social e as tonalizações e as Operações Psicológicas e as maquinações. Por fim, utiliza-se o conceito de Comunicação Sincronizada, das Forças Armadas dos Estados Unidos, para propor que o Tema seja considerado um Quadro, o que permitirá a obtenção de sinergia entre as CRI.

**Palavras-chave:** Enquadramento. Desinformação. Inteligência. Comunicação Social. Operações Psicológicas.

**Abstract:** This research starts with an approximation of the idea of framing, as an activity developed by the soviet misinformation system over western societies, with the concept of framing as developed by ERWIN GOFFMAN (2012), to map how each one of the Information Related Capabilities (IRC) – Intelligence, Social Communication and Psychological Operations – relates with the frames of the Frame Analysis. It was observed that there are convergences between the Intelligence activity and the schemata of interpretation, the Social Communication and the keys, and the Psychological Operations and the fabrications. Lastly, it was proposed that the Theme, a concept from the Synchronized Communication of the United States Armed Forces, would be used as a Frame, to make easier to get the synergy of the capabilities (IRC).

**Keywords:** Framing. Misinformation. Intelligence. Social Communication. Psychological Operations.

**Luiz Eduardo Maciel Lopes** 

Exército Brasileiro.

Porto Alegre, RS, Brasil.

macielopes1@yahoo.com.br

**Recebido: 11 nov. 2020**

**Aprovado: 21 jan. 2021**

**COLEÇÃO MEIRA MATTOS**

**ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833**

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



Creative Commons  
Attribution Licence

## 1 Introdução<sup>1</sup>

Para pensar a sinergia entre Inteligência, Comunicação Social e Operações Psicológicas dentro das Forças Armadas Brasileiras é preciso definir os conceitos a partir do etos destes vetores, em especial do Exército Brasileiro, onde a Inteligência é definida como uma das seis funções de combate, isso porque: “sua abrangência alcança as demais funções de combate, que são diretamente afetadas ou estão relacionadas com os produtos da Inteligência” (BRASIL, 2015a, p. 2-1). A função de combate Inteligência está diretamente relacionada com a obtenção de informações, estas últimas tomadas no seu sentido mais amplo, uma vez que compreende “o conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados empregados para assegurar compreensão sobre o ambiente operacional, as ameaças (atuais e potenciais), os oponentes, o terreno e as considerações civis” (BRASIL, 2015a, p. 2-1).

Uma outra atividade de apoio ao combate que também lida com Informações é a Comunicação Social. Ela é definida em manual como sendo “o processo pelo qual se busca aperfeiçoar o relacionamento entre os seres humanos, como indivíduos, ou como integrantes de um grupo social”. Também pode ser entendida como “uma série de ações segundo as quais se pode exprimir ideias, sentimentos e informações visando ao estabelecimento de relações e soma de experiências” (BRASIL, 2019a, p. 4-2).

Já as Operações Psicológicas (Op Psc) são definidas como:

Procedimentos técnico- especializados, operacionalizados de forma sistematizada para apoiar a conquista de objetivos políticos ou militares e desenvolvidos antes, durante e após o emprego da força, visando a motivar públicos-alvo amigos, neutros ou hostis a atingir comportamentos desejáveis. (BRASIL, 2015b, p. 196/288).

Apesar de, por si só, terem conceitos bastante díspares, as três atividades estão entre aquelas identificadas como Capacidades Relacionadas à Informação (CRI), a partir das quais deve-se buscar oportunidades de sinergia, bem como, estabelecer limites definidos, que impliquem em impedir o “friticídio informacional”. Tudo isso sob a coordenação das Operações de Informação, que consistem no:

emprego integrado de capacidades relacionadas à informação (CRI) e outros recursos relacionados à informação, no âmbito da dimensão informacional, para influenciar, interromper, corromper ou para usurpar o processo de tomada de decisões de adversários e potenciais adversários, enquanto protege o nosso próprio (BRASIL, 2019a, p. 3-1, 3-2).

Entretanto, o desenvolvimento de capacidades de forma modular é o preconizado pela Doutrina Militar Terrestre (DMT) para a geração do poder de combate:

1 O Quadro é um conceito usado para se referir aos princípios de organização, observáveis por um indivíduo, que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e o envolvimento subjetivo neles, que permitem a definição das situações. Em resumo, o quadro é um sistema de percepção, construído socialmente, que permite ao indivíduo, toda vez que se depara com uma nova situação, responder: o que está acontecendo aqui? (GOFFMAN, 2012).

[...] a Força Terrestre (F Ter) busca o desenvolvimento de capacidades, priorizando a geração de módulos sustentáveis com capacidades completas (doutrina, organização, adestramento, material, educação, pessoal e infraestrutura - DOAMEPI), com todas as funcionalidades de combate, e de acordo com as demandas das áreas estratégicas e dos interesses nacionais (BRASIL, 2019b, p. 4-1).

Atendendo a esse pressuposto, o desenvolvimento das três CRI em estudo ocorre de forma independente. Porém, a mesma DMT indica a necessidade de congregação das capacidades sob um comando único:

Para a geração de força [...] devem ser levadas em consideração as capacidades requeridas para se contrapor às ameaças visualizadas. Sua constituição deve seguir os seguintes critérios:

- a) ser baseada em estruturas organizacionais preexistentes;
- b) possuir composição modular, segundo as capacidades operativas necessárias;
- c) possuir flexibilidade, para adaptar-se com facilidade e economia de meios às variações na missão e situação; e
- d) possuir unidade de comando, de forma que a responsabilidade do cumprimento da missão recaia sobre uma única autoridade (BRASIL, 2019b, p. 4-3).

Assim, é de se supor que as CRI, Inteligência, Comunicação Social e Operações Psicológicas, podem (e devem) constituir módulos a serem reunidos sob um comando único, caso o estudo de situação indique essa necessidade para que a Força possa se contrapor às ameaças elencadas.

O desenvolvimento, porém, das CRI de forma estanque faz com que cada uma esteja muito centrada em sua própria forma de abordar os problemas militares, na sua estrutura particular de processamento da informação e nas soluções específicas que podem proporcionar separadamente.

A Inteligência organiza dados para produzir um discurso que permita “assegurar compreensão sobre o ambiente operacional, as ameaças (atuais e potenciais), os oponentes, o terreno e as considerações civis” (BRASIL, 2015a, p. 2-1). A Comunicação Social organiza dados para produzir um discurso que preserve e fortaleça a imagem do Exército junto às comunidades nacional e internacional (BRASIL, 2017). E as Operações Psicológicas organizam dados para produzir discursos (e aqui cabe a ênfase no plural) com “o objetivo de motivar públicos amigos, neutros ou hostis a manifestarem comportamentos desejáveis, com o intuito final de apoiar a conquista de objetivos estabelecidos” (BRASIL, 2015b, p. 196/288).

A questão, enfim, que se apresenta a um Estado Maior que receba módulos de Intlq, Op Psico e Com Soc é: como produzir um discurso comum entre as três atividades agenciadoras de discursos?

---

2 “[...] influência das instituições civis, das atitudes e atividades das lideranças civis, da população, da opinião pública, do meio ambiente, da infraestrutura construída pelo homem, das agências nacionais e internacionais, governamentais ou não governamentais, com capacidade de influir e formar opiniões entre os nacionais ou internacionais, no espaço de batalha.” (BRASIL, 2015a, p. [44]).

Atendendo à essa questão, estrutura-se o problema: existe uma teoria sociológica cujos conceitos permitam estabelecer uma lógica dentro da qual se possa pensar o emprego integrado das Capacidades Relacionadas à Informação: Inteligência, Comunicação Social e Operações Psicológicas?

O presente estudo objetivou, então, identificar uma teoria sociológica cujos conceitos facilitassem o emprego sinérgico das Capacidades Relacionadas à Informação (CRI) Inteligência, Comunicação Social e Operações Psicológicas. A fim de atingir o objetivo geral de estudo, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

a. explicitar como a teoria sociológica dos “quadros da experiência social” pode ser relacionada com o emprego da desinformação soviética do período da Guerra Fria;

b. descrever como cada uma das Capacidades Relacionadas à Informação: Inteligência, Operações Psicológicas e Comunicação Social pode relacionar-se com os conceitos atinentes ao enquadramento;

c. explicar como os conceitos da teoria sociológica dos “quadros da experiência social” podem contribuir para uma produção coordenada de discursos que caracterize um emprego sinérgico das CRI.

Há, sem dúvida, riscos no emprego concomitante das Capacidades Relacionadas à Informação: Inteligência, Operações Psicológicas e Comunicação Social, sem um planejamento coordenado. Como exemplo de risco, existe a possibilidade da divulgação de informações que comprometam a contrainteligência por parte da Comunicação Social, uma vez que à ela “compete impedir a força oponente de ter acesso a dados e conhecimentos sensíveis” (BRASIL, 2015a, p. 3-3). Outro exemplo de risco a ser levantado é a possibilidade de se obter, através dos meios de busca de Inteligência, informações contaminadas pela reverberação de campanhas desenvolvidas pela Comunicação Social ou pelas Operações Psicológicas.

A falta de um canal institucionalizado para se alcançar sinergia entre as Capacidades Relacionadas à Informação potencializa riscos e reduz as oportunidades de sinergia a iniciativas individuais, como se pode depreender da citação abaixo, em que se relatam as estruturas que abarcaram o emprego concomitante de Comunicação Social e Operações Psicológicas na Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro, em 2018:

Havia uma estrutura de Op Psc trabalhando em proveito das operações, contudo as Op Psc não estavam diretamente subordinadas ao Comando Conjunto, como a seção de Com Soc, e sim ao Centro de Coordenação Tático Integrado (CCTI). Isto é, apesar das operações contarem com ambas as atividades, estas não eram coordenadas sob o mesmo comando ou escalão. [...] As CRI presentes trabalhavam de maneira isolada em boa parte do tempo, salvo algumas iniciativas pessoais de integração (PONTES, 2019, p. 28).

No extremo oposto dessa atuação segmentada das CRI no Exército Brasileiro, verifica-se a atividade de Desinformação, cujo emprego, de forma sistematizada, surgiu na Rússia pós-revolução comunista de 1917, com a instituição do Setor de Desinformação da Tcheca (polícia secreta na Rússia Soviética, durante os anos 1917-1922), por Felix Edmundovich Dzerzhinsky (1877-1926). A Desinformação surgiu como uma Operação Psicológica, fato que pode ser exemplificado por meio da Operação Trust, desencadeada entre 1921 e 1926, cujo objetivo era obter duas mudanças

de comportamento dos Russos Brancos, opositores ao regime Bolchevique, que haviam emigrado da Rússia durante a revolução: neutralizar sua atividade contrarrevolucionária e capturar ou eliminar vários dos seus líderes. Nesse caso, a Desinformação consistiu em infiltrar agentes junto às lideranças dos emigrados com um discurso de fragilidade do Regime Soviético. Tal fato desarticulou as tentativas de organização externa de pressões contra o regime e acabou ocasionando o retorno desses líderes, momento em que foram presos e executados (HARRIS, 1985).

Desde sua criação, o Setor de Desinformação foi sendo reestruturado no âmbito da evolução do Serviço Secreto Soviético, dentro do NKVD (Comissariado Popular de Assuntos Internos, de 1934 a 1953) e, em seguida, no KGB (Comitê de Segurança do Estado, que funcionou entre 1953 e 1991) durante a Guerra Fria (GONÇALVES, 2008, p. 73-74). A própria atividade de Desinformação evoluiu, chegando a receber a seguinte definição por parte do tenente-general Ion Mihai Pacepa, desertor em 27 de Julho de 1978, do Serviço de Inteligência Romeno: “Desinformar (isto é, *dezinformatsiya*) é uma ferramenta secreta de Inteligência, com a finalidade de outorgar uma chancela ocidental, não governamental, a mentiras do governo soviético” (PACEPA; RYCHLAK, 2015, p. 69). Como exemplo do que seria a desinformação atualmente, pode-se citar:

Imaginemos que a FSB (a nova KGB) fabricou alguns documentos como suposta prova de que as forças militares americanas estavam a seguir ordens específicas para mirar casas de oração muçulmanas em seus ataques à bomba à Líbia, em 2011. Se um informe sobre esses documentos fosse publicado em um canal de notícias russo, seria má informação, e as pessoas no Ocidente poderiam corretamente tomá-la com um pé atrás e simplesmente não lhe dar a mínima, vendo-a como propaganda rotineira de Moscou. Se, por outro lado, esse material fosse tornado público na mídia ocidental, seria desinformação e a credibilidade da notícia substancialmente maior (PACEPA; RYCHLAK, 2015, p. 69).

O mesmo oficial general afirma peremptoriamente que:

Existe uma crença muito disseminada de que o pior dano causado pelas operações de Inteligência russas/soviéticas contra o Ocidente foi o roubo de segredos altamente delicados, como a tecnologia da bomba atômica. Não é bem assim. O dano absolutamente nocivo – e frequentemente irreparável – infligido ao Mundo Livre foi causado pelas operações de desinformação do Kremlin, cujo intuito era modificar o passado (PACEPA; RYCHLAK, 2015, p. 79).

O KGB é internacionalmente conhecido como Agência de Inteligência, mas muito pouco se diz sobre sua atuação como executor de atividades de desinformação. A atuação integrada de CRI, tal como compreendida pelo Exército Brasileiro, pode ser inferida como o trabalho do KGB de construção ou destruição de reputações: “é fácil perceber que tudo isso era produto de sofisticados especialistas em *dezinformatsiya* e de equipes de relações públicas, a empregar todas as suas seguras e enganadoras técnicas de enquadramento” (PACEPA; RYCHLAK, 2015, p. 50).

Especialistas em *dezinformatsiya* seriam o mesmo que especialistas em Operações Psicológicas? E as equipes de Relações Públicas seriam o equivalente à Comunicação Social? Juntando-se essas duas capacidades, à característica já conhecida do KGB de produção de conhecimento de Inteligência, pode-se inferir que a União Soviética possuía, à sua maneira, um Órgão único que coordenava e integrava o que na Força Terrestre são denominadas Capacidades Relacionadas à Informação.

Cabe destacar que a desinformação e as Operações de Informação possuem objetivos distintos; a desinformação pretende desestabilizar, criar e fomentar o atrito dentro das sociedades-alvo, as Operações de Informação buscam o contrário, moldar o ambiente operacional para reduzir a fricção do combate e acelerar a estabilização de ambientes conflagrados.

Obviamente, pelo preconizado na Doutrina Militar Terrestre, este trabalho não advoga no sentido da existência de um órgão único a desenvolver as Operações de Informação, mas no sentido da construção de oportunidades de sinergia a orientar o trabalho das células de Op Info, quando forem congregadas as estruturas modulares das capacidades Inteligência, Comunicação Social e Operações Psicológicas para solucionar problemas militares.

O presente estudo encontra-se limitado ao arcabouço de fundamentação teórica atinente às Operações de Informação, buscando o emprego prático dos conceitos de enquadramento, para a obtenção da sinergia entre Inteligência, Comunicação Social e Operações Psicológicas, sem ater-se a casos específicos de emprego das células de Operações de Informação, quer no Exército Brasileiro, quer no exterior.

As relações estabelecidas entre o trabalho das CRI com os tipos de quadros descritos nos “Quadros da Experiência Social” (GOFFMAN, 2012) foram delineadas com o objetivo de encontrar uma lógica que estruturasse oportunidades de sinergia entre elas.

As demais Capacidades Relacionadas à Informação (CRI) estabelecidas na doutrina foram abordadas somente a título de ilustração ou para extrapolação das conclusões obtidas.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, para a compreensão dos conceitos de enquadramento, assim como o seu relacionamento com a atividade das Capacidades Relacionadas à Informação: Inteligência, Operações Psicológicas e Comunicação Social. Posteriormente, observou-se como o conceito estudado pode contribuir para estabelecer uma lógica a partir da qual se pode pensar o emprego integrado das Capacidades Relacionadas à Informação citadas. A pesquisa é, portanto, bibliográfica e explicativa (VERGARA, 2008). Explicativa porque visa esclarecer as relações que se estabelecem entre os assuntos abordados e bibliográfica porque tem sua fundamentação teórico-metodológica baseada em investigação dos assuntos disponíveis em livros, manuais, relatórios e artigos de acesso livre ao público em geral.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 Conceito Sociológico de Enquadramento e seu Relacionamento com a Atividade de Desinformação do KGB**

O Enquadramento pode ser considerado o que há de comum na percepção dos vários indivíduos de um determinado grupo social. É uma forma de interpretação de situações sociais,

compartilhada por uma cultura, que permite aos indivíduos componentes dessa cultura, posicionarem-se e reagirem (GOFFMAN, 2012).

Na construção social dos quadros, os enquadramentos são escalonados conforme a sua proximidade do Real, tomado como cena original, desprovida de significação. Assim, os esquemas primários são aqueles que convertem o Real, sem sentido, em algo significativo. A aplicação do esquema primário, é tida, por aqueles que o aplicam, como não dependente de nenhuma interpretação anterior. O esquema primário funciona como uma tradução em sentido da realidade vivenciada (GOFFMAN, 2012).

O tom, diferentemente, é um processo baseado em um conjunto de convenções, por meio do qual, um acontecimento já significativo dentro de um esquema primário, é transformado em algo que se refere ao acontecimento, mas visto pelos participantes da interação social como muito diferente do acontecimento em si. Tonalizar é aplicar esse processo de transcrição de um fato anteriormente interpretado por um esquema primário ou por uma tonalização prévia, para um novo quadro aceito como algo diferente dos quadros anteriores. Cada acréscimo realizado por tonalização é denominado camada ou laminação (GOFFMAN, 2012).

Maquinação é um tipo de enquadramento que representa um esforço intencional de um ou mais indivíduos para modificar a percepção acerca de um fato ou uma atividade, de modo que uma ou mais pessoas sejam induzidas a terem uma falsa convicção a respeito daquilo que está ocorrendo (GOFFMAN, 2012).

A partir do conceito sociológico de enquadramento, pode-se entender o sentido dos “enquadramentos” atribuídos aos agentes do KGB:

Então em que os espões romenos e soviéticos empregavam seu tempo nos anos da Guerra Fria? Gen. Pacepa diria que “enquadrando”, ou seja, reescrevendo a história e manipulando registros, documentos etc., a fim de causar acontecimentos (WOOSLEY, 2015, p. 17).

Pode-se perceber que a Desinformação, originalmente voltada para a mudança de comportamento (o que serviria para classificá-la, de acordo com a doutrina do Exército Brasileiro, como Operação Psicológica) evoluiu para uma busca, por diversos meios, de uma mudança de percepção cultural de figuras proeminentes, quer do Ocidente, quer da Cortina de Ferro, nos anos do KGB. Esse tipo de enquadramento, tomado à luz dos conceitos recém abordados, poderia ser classificado como uma maquinação. Isso fica ainda mais claro em:

Os enquadramentos do Kremlin podem ser negativos, para gerar desprestígio, ou positivos, para gerar prestígio; de um modo ou outro, podem afetar diretamente o curso da história mundial. Pessoas admiráveis do Ocidente foram difamadas ou “enquadradas” como criminosas, ao passo que personagens criminosamente indignos pertencentes à esfera de influência soviética/russa foram retratados ou “enquadrados” como santos (PACEPA; RYCHLAK, 2015, p. 80).

Os quadros construídos pelo KGB possuíam, em sua elaboração, uma condicionante, de que a notícia deveria sempre ser construída em torno de um “cerne de verdade” que lhe emprestaria credibilidade (PACEPA; RYCHLAK, 2015, p. 73). Isso denota um conhecimento, pelo menos empírico, do funcionamento dos quadros compartilhados socialmente, porque o efeito obtido pelo acréscimo de camadas significativas “enquadrantes” é a existência de uma camada interna, relativa ao que o fato significa em um esquema de correspondência primário, e uma borda externa, relativa às concessões significativas fornecidas pela situação ou pelo meio no qual o fato foi veiculado (GOFFMAN, 2012). Ou seja, o “cerne de verdade” em torno do qual o KGB construía seus enquadramentos nada mais é do que a camada interna, relativa ao que o fato significa em um esquema de correspondência primário. Como exemplo:

Assim, Shalepin e Kirichenko decidiram que o enquadramento de Pio XII deveria ser baseado em um cenário ficcional apoiado em documentos genuínos, ligeiramente modificados do Vaticano (especificamente relacionados ou não a Pio XII), cujos originais jamais seriam divulgados ao público. [...] A KGB sabia o que tinha de fazer. Só precisava de alguns documentos do Vaticano para dar uma aura de autenticidade à operação – “um cerne de verdade” (PACEPA; RYCHLAK, 2015, p. 163-164).

Além da aplicabilidade do conceito de enquadramento, na forma em que é definido pela sociologia, pode-se verificar, na atividade de desinformação desenvolvida pelo KGB, o que a doutrina de Operações de Informação, hoje, preconiza como planejamento baseado em efeitos (BRASIL, 2019a, p. 3-4): “aí o objetivo era manipular o futuro, não apenas aprender sobre o passado. Em específico, a ideia é fabricar um novo passado [...] de modo a alterar o modo como o mundo os percebe” (PACEPA; RYCHLAK, 2015, p. 33). Ressalta-se, aqui, que os efeitos buscados se dão em termos de percepção, e não em termos de mudança de comportamento, o que faz da atividade de Desinformação algo mais complexo e permanente do que uma Operação Psicológica. Porém, o esforço direcionado para a maquinação do passado é diretamente relacionado com a “manipulação do futuro”.

### 3 Desenvolvimento

#### 3.1 A Função de Combate Inteligência e o Esquema Primário

A Inteligência Militar, em qualquer nível de atuação, possui como denominador comum a “permanente identificação das ameaças, minimizando incertezas e buscando oportunidades para o sucesso das operações” (BRASIL, 2015a, p. 1-1) Para isso, é fundamental a análise e integração dos dados obtidos pelos diversos sensores. “A identificação das ameaças e oportunidades é o primeiro dos resultados que a Inteligência Militar deve fornecer aos comandantes” (BRASIL, 2015a, p. 1-2).

As conclusões acerca do que são ameaças ou oportunidades são construídas por meio de um processo sistematizado que permite uma fusão de dados em frações significativas, que, por sua vez, serão organizadas em conhecimentos. Assim,

o conhecimento é o dado que foi processado, analisado e julgado relevante. Ele deve contribuir para o entendimento do terreno, do dispositivo e das intenções do inimigo (forças oponentes, hostis ou adversárias), das condições meteorológicas e das considerações civis (BRASIL, 2015a, p. 2-1).

O domínio da situação de um Ambiente Operacional e no Espaço de Batalha só pode ser obtido a partir da consciência situacional, um estado mental alcançado pelo decisor que aproxima a situação percebida da situação real. É atingida por intermédio da “disponibilidade de conhecimentos e da habilidade no trato das informações que, associadas à experiência profissional, às crenças e valores de um indivíduo, o colocam em vantagem operacional em relação ao seu oponente” (BRASIL, 2015a, p. 2-2).

Essa procura constante pela aproximação da situação percebida com a situação real permite colocar o esforço de busca da atividade de Inteligência como o tipo de enquadramento mais próximo ao Real. Em outras palavras, é lícito dizer que a Função de Combate Inteligência está permanentemente trabalhando para fornecer esquemas primários, isto é, os primeiros enquadramentos que permitem transformar em algo significativo aquilo que de outro modo não teria sentido.

Como exemplo desse esforço na busca dos primeiros enquadramentos que expliquem a realidade e, mais que isso, permitam prospectar as decisões dos possíveis inimigos, pode-se citar o trabalho do Coronel Walter Nicolai, na atividade de Inteligência, a partir de 1905 e, mais especificamente na estruturação do Sistema de Inteligência Alemão, a partir de 1913, quando foi designado como Chefe do Serviço de Inteligência do Alto Comando, e durante a 1ª Guerra Mundial (1914-1918). O escalonamento dos meios de busca, com agentes infiltrados em profundidade e a avaliação da produção do conhecimento por parte das diversas fontes, identificando as menos confiáveis, permitiu a concatenação dos dados obtidos em um todo significativo, que possibilitou a prospecção das linhas de ação da Tríplice Entente (Reino Unido, França e Rússia – inimigos da Alemanha na 1ª Guerra Mundial) (CAMPBELL, 2009).

Cabe destacar o enorme contraste entre o resultado dessa estruturação e os manuais alemães de 1908, que ainda sustentavam que a Inteligência podia ser eficientemente obtida por meio da observação do campo de batalha, enquanto o reconhecimento poderia ser deixado inteiramente nas mãos das 10 (dez) divisões de cavalaria do Exército Alemão (JOERGENSEN, 2004 apud CAMPBELL, 2009).

A discrepância entre a forma de produção de Inteligência, a partir do Coronel Walter Nicolai, e o preconizado nos manuais de 1908, reside fundamentalmente na prioridade dada ao planejamento do esforço de busca e ao processamento de Inteligência em detrimento da simples obtenção de dados. Isso porque os dados obtidos em profundidade, em escalões altos das Forças Armadas inimigas, na maioria das vezes, ainda demoram para impactar as tropas em contato, o

que confere um tempo fundamental para a realização desse processamento e disponibilização oportuna dos conhecimentos aos decisores.

Dessa forma, poder-se-ia dizer que os dados sem processamento ainda não compõem o esquema primário, mas as partes isoladas dele, cuja significação ainda não foi estabelecida. Assim, por meio da produção do conhecimento de Inteligência, há uma fusão de dados em um todo significativo, em que os dados são processados, analisados e selecionados aqueles julgados relevantes, na busca da composição do esquema primário.

Quando há uma dificuldade na obtenção de conhecimentos de Inteligência, torna-se perceptível a impossibilidade de responder à pergunta estabelecida como paradigma para a composição dos quadros: “o que está acontecendo aqui?” Isso porque a falha decorre justamente na atividade responsável pelo estabelecimento do esquema primário, como fica demonstrado na citação abaixo, do general inglês Rupert Smith:

Na época, eu já estava a trabalhar em Londres, no Ministério da Defesa, onde as notícias sobre estes acontecimentos chegavam de quatro fontes diferentes. Havia relatórios do contingente britânico da UNPROFOR, elaborados com base nos relatórios do seu destacamento na área de Srebrenica. Eram atempados e factuais, mas sofriam da perspectiva relativamente estreita de uma pequena unidade envolvida em grandes acontecimentos. Na qualidade de fornecedores de tropas, dispúnhamos dos relatórios do QG da UNPROFOR, mas estes eram muitas vezes menos atuais do que os dos canais diplomáticos normais, porque o seu processo de elaboração era mais demorado e porque as comunicações da ONU se baseavam na rede civil e eram deficientes em comparação com as proporcionadas pelo nosso contingente militar. Recebíamos relatórios de várias embaixadas e missões britânicas, particularmente, as existentes na ONU e na OTAN e, finalmente, tínhamos os *media*, cuja cobertura, vim a considerar essencial: além de serem fontes de informação, ofereciam-me um contexto no qual adquirir alguma compreensão de como outras pessoas interpretariam o que estava a acontecer, e daí o valor dos outros relatórios, a maioria dos quais se centrava em aspectos completamente diferentes dos mesmos acontecimentos (SMITH, 2008, p. 391).

Ainda assim, fica nítida a aproximação estabelecida na mente do decisor entre os relatórios de Inteligência e a realidade dos fatos, em contraposição às narrativas de mídia. Ao comparar as construções discursivas, o autor toma por base os relatórios de Inteligência como esquema primário e usa a narrativa dos “*media*” para entender como outras pessoas interpretariam o que estava a acontecer – uma tonalização?

### 3.2 A Comunicação Social e a Tonalização

A Comunicação Social, no Exército Brasileiro, adota o seguinte modelo comunicacional:

A comunicação entre uma fonte emissora e um destinatário receptor é estabelecida por um veículo, canal ou meio transmissor, sujeito a ruídos ou interferências, realimentando-se continuamente. A esse fluxo de informações dá-se o nome de processo comunicacional (BRASIL, 2017b, p. 2-1).

O termo Comunicação Social, além de denominar o instrumento que possibilita e determina a interação social, também se refere a uma atividade desempenhada por uma das seções do Estado-Maior das Organizações Militares, responsável por três vertentes do relacionamento da Instituição com seus diversos públicos de interesse: a Assessoria de Imprensa, a Divulgação Institucional e as Relações Públicas (BRASIL, 2017b).

A missão da Com Soc, como uma Capacidade Relacionada à Informação, é preservar e fortalecer a imagem do Exército junto às comunidades nacional e internacional. Para cumprir sua missão, a Com Soc (do Exército Brasileiro) baliza as suas ações em alguns preceitos, dentre os quais: “fornecer respostas adequadas e oportunas aos questionamentos da sociedade, relacionados à Instituição” (BRASIL, 2017b, p. 2-2). Um dos princípios da Comunicação Social (enquanto CRI) é o princípio da verdade, considerado a “essência da atividade de Com Soc, visto que a fidedignidade dos fatos assegura coerência, credibilidade e confiança” (BRASIL, 2017b, p. 2-4).

A ideia de fornecer respostas se aproxima ao conceito de “tom”, porque uma resposta é uma informação processada por meio de um conjunto de convenções pelas quais a atividade que originou o questionamento, que “já era significativa em termos de algum esquema primário, é transformada em algo pautado sobre esta atividade, mas visto pelos participantes como algo muito diferente” (GOFFMAN, 2012, p. 71).

Um exemplo característico do funcionamento da Comunicação Social, no Exército, como fornecedora de informações tonalizadas é a produção de Notas à Imprensa. A Nota à Imprensa não é o esquema primário em si, mas a apropriação de informações já significativas a respeito de um fato, organizadas por meio de um processo “convencionado”, para fornecer aos meios de comunicação a palavra oficial da Força. Mesmo que inteiramente pautada pelo princípio da verdade, os receptores da Nota à Imprensa não a consideram o fato em si, mas algo pautado pelo fato, o que é muito diferente.

É essa exigência de fidedignidade dos fatos que permite entender os mecanismos da produção de discursos da CRI Com Soc como uma tonalização documental, no sentido de que busca se utilizar de registros que reproduzem os acontecimentos, isto é, com o propósito de demonstrar a ocorrência de um fato, caracterizando-o como algo que aconteceu no passado. A Com Soc utiliza-se dessa forma de produção de quadros, porque esse também é, de maneira geral, o processo de composição das notícias utilizado pelos meios de comunicação. A documentação (ou o tom documental) emprega os vestígios reais de algo que antes apareceu no mundo real (no sentido de menos transformado) (GOFFMAN, 2012). A necessidade premente desses vestígios reais indica o ponto de contato entre a CRI Comunicação Social e a Função de Combate Inteligência.

Cabe, então, observar o ambiente no qual a Comunicação Social se insere para compreender as vicissitudes às quais a atividade de tonalização dessa CRI está sujeita. Poder-se-ia dizer que a CRI Com Soc está diretamente envolvida com a Batalha da Narrativa, esta última definida como: o conflito entre as narrativas que competem entre si, produzidas pelos diversos atores envolvidos. De acordo com manual estadunidense: “o objetivo da Batalha da Narrativa é obter a superioridade sobre a narrativa do adversário, diminuindo seu apelo e quantidade de seguidores e, quando possível, suplantá-la e torná-la irrelevante” (UNITED STATES, 2013, p. III-9, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Por sua vez, os meios de comunicação promovem o *agenda-setting*, em que as notícias dos meios de imprensa, se não acabam por fomentar obrigatoriamente o pensamento das pessoas sobre determinado assunto, pelo menos fazem com que o público se atenha a um assunto em detrimento de outros (HOLFELDT, 1997, p. 42-51). Os veículos de imprensa, então, buscam o protagonismo da notícia, para garantir a prioridade no agendamento, o que reflete sua característica mercadológica. O detentor do conhecimento acerca do acontecimento extraordinário que será o próximo “furo de reportagem” tem uma maior possibilidade de obter audiência superior enquanto durar o seu agendamento. Isso porque “apenas os acontecimentos extraordinários são notícia” (GOFFMAN, 2012, p. 38).

A aceleração rotineira das redações, na busca pela informação primeira, abre brechas para falhas que podem ser exploradas por especialistas em desinformação:

Também fomos muito bem-sucedidos em encher os meios de comunicação ocidentais com a imagem de Ceausescu (ditador romeno). A verdade é que os meios de comunicação ocidentais eram manipulados com muita facilidade, pois frequentemente construíam suas notícias a partir de *press releases* e tendiam, em geral, a serem descuidados com relação à natureza e confiabilidade de suas fontes. Nossa informação caía muito bem no clima geral de aceitação de Ceausescu pelo Ocidente, como um comunista ocidentalizado. Para os ocidentais, sua posição geralmente parecia uma brecha histórica e plausível na Cortina de Ferro, e quase ninguém ia para as ruas checar os fatos e nos contradizer (PACEPA; RYCHLAK, 2015, p. 46).

Ao mesmo tempo em que os órgãos de mídia estão permanentemente pressionados, a mídia tornou-se o palco do debate público contemporâneo. Entretanto e exatamente por isso, um assunto exposto nesse palco não é necessariamente de interesse público. Ele pode ter sido pensado por profissionais de marketing que pretendem moldar o gosto do público, ao mesmo tempo em que agendam seus debates (PENA, 2015). Isso porque “o poder que o tom documental tem de inibir os sentidos originais é impressionante” (GOFFMAN, 2012, p. 101). Ao empregar, para construir seus discursos, o tom documental, empregando vestígios de fatos reais, a mídia confere à sua construção narrativa credibilidade suficiente para suplantare os sentidos originais dos acontecimentos, o que permite a atuação desses profissionais de marketing, arquitetando os enquadramentos.

<sup>3</sup> The goal of the battle of the narrative is to gain superiority over the adversary’s narrative, to diminish its appeal and followership, and, when possible, to supplant it or make it irrelevant (UNITED STATES, 2013, p. III-9).

Cabe destacar que o enquadramento realizado por um veículo de mídia sobre os fatos a noticiar é o resultado de escolhas realizadas dentro de um processo produtivo sistematizado. A notícia é elaborada de acordo com o formato, e há sempre uma (re)contextualização de seu foco durante a edição (TUCHMAN, 1978 apud PENA, 2015). Nesse sentido, “produzir um enquadramento é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e dar a eles um destaque maior no texto comunicativo” (COLLING, 2001 apud CUNHA, 2005, p. 33).

É possível, então, identificar pelo menos três vetores que pressionam o discurso organizado de um veículo de comunicação e incidem sobre o processo produtivo das notícias: a intenção mercadológica do próprio veículo, o interesse do público, tomado esse último como conceito prévio, anterior ao próprio discurso e moldado pelos agendamentos anteriores, e os fatos a serem selecionados, organizados, e convertidos em notícias.

Se há um viés ideológico a ser atribuído aos veículos de comunicação, esse pode perpassar todo o processo, quer no estabelecimento dos objetivos mercadológicos, quer na definição do que interessa ao público, quer na organização dos fatos em notícias, mas, primordialmente, como tom, não como maquinação, pela própria característica da estrutura da construção dos discursos desses veículos.

Assim, o problema que se apresenta para a produção de discursos da Capacidade Relacionada à Informação Comunicação Social é como produzir tonalizações, atendendo precipuamente ao princípio da verdade, ou seja, apoiando-se nos fatos, e difundi-las para os públicos, muitas vezes por meio de veículos de comunicação que possuem as suas intenções mercadológicas, em um ambiente de busca constante pelo protagonismo da notícia, considerando ainda o interesse do público, a fim de obter a superioridade sobre a narrativa do adversário.

### 3.3 As Operações Psicológicas e a Maquinação

O objetivo maior das Operações Psicológicas, conforme a definição tratada na introdução do presente artigo, é a mudança de comportamento de públicos-alvo determinados. O enfoque no comportamento conduz, inevitavelmente, a uma aproximação com a abordagem da psicologia comportamental, em que o estímulo, interagido pelo organismo, provocará uma reação global manifestada por um comportamento (COUTINHO, 1997).

Entretanto, cabe destacar que

As Op Psc enfocam a perspectiva cognitiva da dimensão informacional do ambiente operacional, influenciando as emoções, o raciocínio, as motivações, os objetivos e o comportamento de Pub A (Públicos-alvo) [...] (BRASIL, 2019a, p. 4-3)

Os estímulos, então, serão fornecidos para influenciar a cognição dos indivíduos que compõem um determinado público. A ferramenta, descrita no Glossário das Forças Armadas para a “difusão de qualquer informação, ideia, doutrina ou apelo especial, visando a influenciar opiniões, gerar emoções, provocar atitudes ou dirigir o comportamento de indivíduos ou

grupos sociais” é a propaganda (BRASIL, 2015b, p. 226/288). Logo, os estímulos à cognição podem ser produzidos por intermédio de técnicas de propaganda.

Nesse caso, embora o objetivo visado seja o comportamento, a estruturação dos discursos da CRI Operações Psicológicas em peças de propaganda, voltadas para a perspectiva cognitiva, gera um arrasto discursivo, em que os quadros são distorcidos para que a cognição, fruto deles, gere o comportamento desejado.

Nesse sentido, o método consagrado do marketing, conhecido como AIDA (Atenção, Interesse, Desejo e Ação) encontra espaço de utilização. A autoria desse modelo foi atribuída por Edward Strong Jr a St Elmo Lewis, pela forma como desenvolvia seu trabalho à frente de várias agências de publicidade nos Estados Unidos, de 1899 a 1909 (STRONG JUNIOR, 1925, p. 349). Ele é voltado para levar o consumidor a realizar a compra de um produto, e representa, em síntese, quatro fases ou etapas pelas quais o consumidor precisa passar (não necessariamente, mas geralmente), de maneira progressiva, para decidir realizar a aquisição. Substituindo-se o consumidor pelos integrantes do Público-Alvo e considerando-se a aquisição de um produto como uma mudança de comportamento, é possível visualizar o funcionamento do método como uma forma de emprego da propaganda em proveito dos objetivos das Operações Psicológicas.

A construção discursiva da propaganda atuaria, então, de forma contundente, nas três primeiras etapas, originando quadros de interpretação capazes de fomentar a atenção, o interesse e despertar o desejo de uma determinada ação. Quando uma situação se encaixar no quadro construído pela propaganda, o desejo da ação transformar-se-á no comportamento pretendido pelo propagandista. Não há, portanto, uma responsabilidade com a realidade, uma vez que o estímulo à cognição objetiva exclusivamente o comportamento pretendido, embora o apelo à realidade seja necessário para que a propaganda seja crível. Um exemplo característico dessa estrutura é a iniciativa da empresa Volkswagen conhecida como “teoria da diversão”, que transformou uma escada, ao lado da escada rolante, em um piano, no metrô de Estocolmo, em 2009. A modificação intencional do quadro (escada-piano) foi responsável por, a um só tempo, atrair a atenção, despertar o interesse e provocar o desejo. O vídeo demonstrando a mudança de comportamento das pessoas, que passaram a usar a escada, em vez da escada rolante, encontra-se no Youtube<sup>4</sup>.

Dessa forma, o arrasto discursivo provocado pelo uso da propaganda pode ser considerado um efeito que se aproxima do conceito de maquinação, uma vez que maquinação é um esforço intencional de um ou mais indivíduos, com o objetivo de modificar a percepção acerca de um determinado fato, a fim de que uma ou mais pessoas sejam induzidas a criar uma convicção distorcida a respeito daquilo que realmente está ocorrendo. Não à toa, aqueles que “planejam um engano podem ser chamados de operadores” (GOFFMAN, 2012, p. 118). A convicção distorcida (que pode ser momentânea ou permanente) é o gatilho para a mudança do comportamento, como no exemplo da Volkswagen: é uma escada ou um piano?

As maquinações, assim como as tonalizações, requerem o uso de um modelo, o uso de algo já significativo em termos de esquemas primários – o apelo à realidade, que confere credibi-

<sup>4</sup> Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SByymar3bds&t=13s>. Acesso em: 10 Mar. 2021.

lidade também à propaganda (GOFFMAN, 2012). O exemplo de maquinação de peças teatrais pela desinformação soviética é elucidativo:

Nós, enquanto marxistas revolucionários, não podemos considerar nossa tarefa como cumprida se produzimos uma cópia acrílica da realidade, concebendo o teatro como espelho dos tempos... O trabalho do teatro revolucionário é tomar a realidade como ponto de partida e ampliar a discrepância social, fazendo-a um elemento de nossa acusação, nossa revolta, nossa nova ordem (PISCATOR, 1929 apud PACEPA; RYCHLAK, 2015, p. 173).

Há, entretanto, uma diferença fundamental entre a atividade de Operações Psicológicas (de acordo com o que prescrevem os manuais do Exército Brasileiro) e a Desinformação, como é definida pelo tenente-general Ion Mihai Pacepa. A Desinformação, embora tenha surgido, na Operação Trust, como uma Operação Psicológica, evoluiu para tornar-se uma ferramenta estratégica de mudança de percepções, por isso, diretamente envolvida em estratégias de maquinação. Já as Operações Psicológicas estão vocacionadas para a mudança de comportamento, cujo emprego, pelo uso da propaganda, pode ocasionar o surgimento de maquinações. Ainda assim, o seu relacionamento com os quadros da experiência social, a partir das maquinações deve ser considerado quando se tratar de buscar a sinergia com a capacidade Comunicação Social e com a Função de Combate Inteligência.

### 3.4 A Comunicação Sincronizada e o Tema como Quadro

A sincronização da comunicação, para as Forças Armadas dos Estados Unidos da América, parte da ideia de que cada ação letal ou não-letal representa uma parte da narrativa que se quer construir superior ao oponente, configurando-se em uma abordagem das operações militares sobre uma perspectiva comunicacional. Dessa forma, a capacidade relacionada à informação Comunicação Social participa, juntamente com o emprego de capacidades letais, como tropas e armas, e outras, não-letais, da comunicação sincronizada (UNITED STATES, 2013).

Para isso, estabeleceram-se alguns conceitos-chave que se subordinam, permitindo estruturar uma comunicação que parte de uma ideia central e se dispersa para as diversas tropas em operações, proporcionando um sentido único para a comunicação realizada. São eles:

Narrativa — Expressão global do contexto e dos resultados pretendidos.

Tema — Ideia ou intenção convergente que apoia a narrativa e é designada para prover direção e continuidade na produção de mensagens e produtos relacionados.

Mensagem — Uma comunicação enredada (construída sobre e através de um enredo), direcionada a um determinado público, alinhada com um tema específico em apoio a um objetivo específico. (UNITED STATES, 2013, p. III-9, tradução nossa)

A narrativa pode ser construída para retratar uma Operação Militar como um todo, ou pode ser elaborada para corresponder à cada fase da Operação, de forma a abarcar mais precisamente os movimentos das tropas no Terreno Humano, definido como “agregado de características socioculturais existentes em um determinado ponto no tempo e no espaço geográfico” (BRASIL, 2019a, p. 2-2).

Os temas se alinham com a narrativa e podem, inclusive, ser partes dela. Eles, ao mesmo tempo fomentam e delimitam a produção de mensagens das capacidades letais e não-letais envolvidas na comunicação sincronizada. A ideia é permitir que cada comandante ou chefe possa dirigir-se aos seus públicos, sobre os temas específicos de determinada operação ou fase dela, abordando apenas os assuntos referentes ao seu nível ou atividade. Por isso: “os temas, em cada nível, têm que estar englobados pelos temas dos níveis superiores e apoiar os temas estratégicos (voltados para os objetivos estratégicos). São mais duradouros e devem ser sincronizados acima e abaixo na cadeia de comando” (UNITED STATES, 2013, p. III-11, tradução nossa). Por permitirem a comunicação com os públicos e, ao mesmo tempo, a delimitarem, a narrativa e os temas devem ser elaborados com participação ativa de profissionais de contrainteligência, capazes de assessorar quanto a eventuais brechas de segurança e repercussões lesivas à Instituição.

As mensagens são, no esquema da comunicação sincronizada, aquilo que é emitido pelas capacidades e representam o uso da liberdade de ação na dimensão informacional obtida pela delimitação implementada pelos temas. Dessa forma,

as mensagens são subordinadas aos temas e são construídas com informação precisa, para um público específico, para criar os efeitos desejados. [...] As mensagens são preparadas de forma a construir uma rede de argumentos com as comunicações anteriores e com os temas para um determinado momento, lugar, meio de difusão e público. [...] Sua natureza flexível e mais dinâmica fornece para os comunicadores e planejadores o espaço de manobra na perspectiva cognitiva do ambiente informacional para criar efeitos mais variados (UNITED STATES, 2013, p. III-12).

A construção dos argumentos, por fim, temas e mensagens, se estrutura no estabelecimento das razões para as ações das tropas e no direcionamento para os resultados/saídas desejados do conflito em termos compreensíveis para os públicos relevantes. Tais razões e resultados tem que estar baseados na realidade da situação (UNITED STATES, 2013).

A partir do que foi descrito no presente artigo, percebe-se que cada uma das capacidades não-letais citadas (Inteligência, Comunicação Social e Operações Psicológicas) constrói discursos, e, conseqüentemente, quadros de percepção de uma forma muito particular. Mas, todas as três passam, necessariamente, pelo enquadramento enquanto processo estruturante das suas mensagens. Tomando por base o escalonamento da comunicação sincronizada proposto pelas Forças Armadas dos Estados Unidos da América e a assertiva de que os temas são mais duradouros e devem ser sincronizados acima e abaixo na cadeia de comando (UNITED STATES, 2013), pode-se propor que os temas da Comunicação Sincronizada sejam considerados enquadramentos, a partir dos quais, as CRI construirão as suas mensagens.

Dessa forma, no sentido de sincronizar o trabalho das CRI, no contexto das Operações de Informação, a Inteligência receberia demandas para direcionar seu esforço de busca pelos dados que indicassem a confirmação de determinados temas da Comunicação Sincronizada. Esses temas seriam o esquema primário a respeito do que se pretende obter consciência situacional. A comunicação sincronizada deve ser planejada para abarcar os indicadores de êxito previstos para a Operação Militar propriamente dita. Se a Inteligência vai buscar a ocorrência desses indicadores, acabará buscando a confirmação dos temas.

Ainda no mesmo sentido, a Comunicação Social, seguindo o seu princípio da verdade, utilizará os temas para balizar a tonalização das informações obtidas, a fim de orientar a sua construção de discursos. Para exemplificar, pode-se dizer que os porta-vozes poderão se pronunciar apenas a respeito dos assuntos abarcados pelos temas previstos para uma determinada fase (e não sobre fases posteriores) da operação, no seu nível. Isso é bastante útil, ao se pensar na técnica “ideia-força transição ideia-força”, utilizada para respostas a entrevistas, em situações de gestão de crise de imagem (BRASIL, 2013). A narrativa para a fase da operação e, mais especificamente, os temas que compõem a respectiva narrativa, para a comunicação social, passam a funcionar, ao mesmo tempo, como repositório e limitador, de onde devem ser extraídas as ideias-força e as conexões lógicas entre elas, sincronizando os discursos nos diversos níveis e evitando o fratricídio informacional.

Por fim, e ainda mantendo o mesmo direcionamento, as Operações Psicológicas podem maquinar os enquadramentos, na sua propaganda, direcionando a Atenção, o Interesse e o Desejo dos públicos-alvo para os temas da comunicação sincronizada. Por exemplo, digamos que em uma Operação Militar, uma determinada área já está sob o controle das tropas apoiadas pelas Operações Psicológicas e já recebe o fluxo de ações humanitárias coordenadas entre a tropa e agências civis. Nessa mesma Operação, são temas da comunicação sincronizada para essa fase: a implementação de adequadas condições de segurança e a assistência humanitária prestada. As Operações Psicológicas, podem, então, difundir, para as áreas ainda não ocupadas pelas tropas, propaganda acerca da assistência humanitária que já vem sendo proporcionada nos territórios controlados, de forma a ocasionar o desejo de receber essa assistência, sendo que, condicionado a isso, a Força ocupante precisa estender suas ações sobre as áreas ainda não atendidas. A saída comportamental pretendida é a colaboração com a tropa para a implementação de adequadas condições de segurança que vão permitir que a assistência humanitária seja prestada.

Nesse sentido, os temas preconizados na comunicação sincronizada são os direcionadores do desejo dos integrantes do público-alvo, para que os comportamentos assim obtidos corroborem para o êxito das Operações Militares. Em resumo, o enquadramento proposto pela propaganda seria maquinado em direção ao tema, esse último, extraído da narrativa construída para uma fase da Operação Militar. Como a comunicação sincronizada é agenciada para retratar o movimento das tropas no Terreno Humano, naturalmente, as mudanças de comportamento pretendidas pelas Operações Psicológicas vão coadunar-se com a narrativa e os temas dessa comunicação.

Cabe destacar que cada uma das Capacidades Relacionadas à Informação abarcadas pelo presente trabalho possuem suas atividades peculiares externas às Operações de Informação, como aliás, atestam as diferenças entre as suas definições. A ideia de aproximar os temas da comunicação

sincronizada com a forma como cada uma delas produz seus enquadramentos é apenas uma possibilidade de sinergia entre elas, no contexto de execução de Operações de Informação.

Vale a pena, ainda, esclarecer que a Comunicação Sincronizada, nas Forças Armadas dos Estados Unidos da América é elaborada por uma célula especial, composta por diversos especialistas entre militares e civis (UNITED STATES, 2013). No Exército Brasileiro, com a característica mais enxuta dos Estados Maiores, fica a sugestão de que a elaboração da Comunicação Sincronizada, na fase de planejamento, seja de responsabilidade da célula de Comunicação Social, em coordenação com a célula de Operações de Informação. Fica, ainda, a sugestão de que a implementação da Comunicação Sincronizada, durante a fase de execução da operação, no que tange à difusão das mensagens ao Terreno Humano, pelos diversos canais de acesso aos públicos – mapeados pelas demais Capacidades – Inteligência, Guerra Eletrônica, Cibernética, Operações Psicológicas e Assuntos Cíveis – com exceção dos meios de comunicação – seja de responsabilidade da Célula de Operações de Informação, também de forma coordenada com a Com Soc, que ficaria com a missão de conduzir a Batalha da Narrativa por meio da Assessoria de Imprensa, Divulgação Institucional e Relações Públicas (BRASIL, 2017, p. 1-2).

#### 4 Conclusão

Embora não tenha sido trazido à baila durante o presente artigo, há um conceito sem o qual o mesmo não poderia ser concluído, devido aos questionamentos que propicia, se aproximado dos Quadros da Experiência Social, trata-se da Janela de Overton. Conhecida como janela do discurso, ela foi proposta por Joseph P. Overton, “(1960– 2003) um ex-presidente da *Mackinac Center for Public Policy* (Centro Mackinac para Políticas Públicas), empresa *Think Thank*” (AVILLEZ, 2014, p. 40). Segundo ele, “as opiniões públicas podem ser moldadas gradualmente, do intolerável à consagração em políticas públicas, utilizando-se de uma classificação em seis etapas” (AVILLEZ, 2014, p. 40): impossível, radical, aceitável, sensata, popular e necessária. Assim, a viabilidade política de uma ideia depende principalmente dela cair dentro da janela, entre aceitável e necessária. Essa capacidade de transformar o que é admitido por uma sociedade, de acordo como uma gradação é parte da discussão polêmica à aceitação desse conceito (AVILLEZ, 2014, p. 40).

Independente da discussão moral que uma possível aplicação prática dessa ideia suscita, a Janela de Overton, tomada como ponto de observação, permitiria visualizar, por exemplo, quais posicionamentos são considerados aceitáveis em determinada sociedade em um determinado momento. Poder-se-ia dizer que a Janela de Overton é um tipo de quadro ou uma condensação (por sobreposição de camadas enquadramentos) de quadros, se ela permite aos formuladores de políticas públicas, ou mesmo a outros agenciadores de discursos posicionarem-se diante “do que está acontecendo aqui” (GOFFMAN, 2012) na sociedade para a qual se dirigem.

Dessa forma, ao se constatar como a Janela de Overton variou seu enfoque sobre figuras cujo reenquadramento foi atribuído pelo tenente-general Ion Mihai Pacepa ao KGB, pode-se dizer que a desinformação soviética sobre as sociedades ocidentais foi bem-sucedida. Exemplos não faltam: Che Guevara (que se tornou ícone de movimentos estudantis) e o Papa

Pio XII (que, de protetor de judeus durante a guerra, tornou-se o Papa de Hitler), entre outros (PACEPA; RYCHLAK, 2015).

Operações de Informação, sem dúvida, não são desinformação soviética. A desinformação pretende desestabilizar, criar e fomentar o atrito dentro das sociedades-alvo, as Operações de Informação buscam o contrário, moldar o ambiente operacional para reduzir a fricção do combate e acelerar a estabilização de ambientes conflagrados. Mas, a atuação integrada de CRI com vistas aos objetivos definidos tem na desinformação soviética um exemplo de obtenção dos efeitos pretendidos. A própria implementação das Operações de Informação pode auxiliar a combater esses efeitos da desinformação nas Dimensões Humana e Informacional.

Respondendo às perguntas formuladas na introdução do presente artigo, a Comunicação Sincronizada, na forma como é entendida pelas Forças Armadas dos Estados Unidos, permite balizar o agenciamento dos discursos das Capacidades Relacionadas à Informação: Inteligência, Comunicação Social e Operações Psicológicas para uma convergência. Entretanto, a proposta, aqui, não se trata da importação pura e simples de uma doutrina exógena, mas da sua aplicação por meio da lógica que se pode deduzir da teoria sociológica dos quadros (GOFFMAN, 2012), que facilita pensar o emprego integrado das Capacidades em questão.

Assim, a proposta de considerar o Tema, da Comunicação Sincronizada, como Quadro corrobora para uma sobreposição intencional dos enquadramentos, de forma a permitir uma maior densidade discursiva. Em síntese, a Inteligência buscaria os dados que confirmariam ou refutariam a ocorrência do Tema, tomado como esquema primário. A Com Soc tonalizaria as informações recebidas de forma que convirjam para o Tema, para difundir-las na Batalha da Narrativa, enquanto as Op Psico maquinariam sua propaganda para conduzir as saídas comportamentais na direção dos Temas e da Narrativa propostos. Os pontos de contato entre o trabalho das capacidades, obviamente, não ocorrem de forma automática. É necessário que a consciência situacional fornecida pela Inteligência, pelo próprio acompanhamento da Operação Militar em curso e do emprego das CRI sejam processados por uma célula de integração, no Estado Maior, responsável por encontrar as oportunidades de sinergia entre as CRI, a célula de Operações de Informação.

Talvez, o maior risco, além dos já citados na introdução do presente artigo e além do possível “fratricídio informacional”, em não utilizar as CRI de forma coordenada, seja a perda de oportunidades. Considerada a Janela de Overton como uma condensação de quadros circulantes em uma sociedade em um determinado momento, pode uma Força Armada, em Operações, com todos os riscos e o esforço que as envolvem, abdicar da possibilidade de atuar de forma contundente com uma potente densidade discursiva sobre as Dimensões Humana e Informacional? Não coordenar as CRI é, mal comparando, o que seria na Dimensão Física, uma carga de cavalaria hipomóvel contra formações blindadas. Exagero? Do outro lado, está a desinformação.

## Referências

AVILLEZ, Gerson Machado de. **Ars Ad Speculum**: discursos sobre realidades. Joinville: Clube de Autores, 2014.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **EB20-MC-10.213**: operações de informação. 2 ed. Brasília, DF, 2019a. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/5286/1/EB70-MC-10.213.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRASIL. Exército. Comando do Exército. **Falando com a imprensa**. Brasília: Centro de Comunicação Social do Exército, 2013.

BRASIL. Exército. Estado Maior. **EB20-MC-10.207**: inteligência. 1 ed. Brasília, DF, 2015a. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/1/2595/1/EB20-MC-10.207.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. Exército. Estado Maior. **EB20-MF-03.103**: comunicação social. 2. ed. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/1/1168/1/EB20-MF-03.103.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. Exército. Estado Maior. **EB20-MF-10.102**: doutrina militar terrestre. 2. ed. Brasília, DF, 2019b. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/4760/1/EB20-MF-10.102.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado Maior Conjunto das Forças Armadas. **MD35-G-01**: Glossário das Forças Armadas. 5. ed. Brasília, DF, 2015b. Disponível em: [https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/141/1/MD35\\_G01.pdf](https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/141/1/MD35_G01.pdf). Acesso em: 10 fev. 2021.

CAMPBELL, Kenneth J. Colonel Walter Nicolai: a mysterious but effective spy. **American Intelligence Journal**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 83-89, Fall 2009. Intelligence Support to the Warfighter. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44327117>. Acesso em: 10 mar. 2021.

COUTINHO, Sérgio Augusto de Avellar. **Exercício do comando: a chefia e a liderança militares**, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da. **Agora é Lula**: enquadramentos do governo do PT pelo Jornal Nacional. 2005. 198 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) –Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/89396>. Acesso em: 10 mar. 2021.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Tradução de Gentil A. Titton. Petrópolis: Vozes, 2012.

HARRIS, Stephen A. **The trust: the classic example of soviet manipulation.** 1985. 67f. Master's Thesis (Master of Arts in National Security Affairs) – Naval Postgraduate School, Monterey, CA, 1985. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA161389.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

HOLFELDT, Antonio. Os estudos sobre a hipótese de agendamento. Porto Alegre. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v 4, n. 7, p. 42-51, nov. 1997. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/2983/2265>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PACEPA, Ion Mihai; RYCHLAK, Ronald J. **Desinformação: ex-chefe de espionagem revela estratégias secretas para solapar a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo.** Tradução de Ronald Robson. Campinas: VIDE Editorial, 2015.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PONTES, Fausto Augusto de Sousa. **A integração entre as seções de Comunicação Social e Operações Psicológicas no estado-maior de uma força terrestre componente em operações.** 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Avançado de Operações Psicológicas) – Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 2019.

SMITH, Rupert. **A utilidade da força: a arte da guerra no mundo moderno.** Tradução de Miguel Mata. Coimbra: Edições 70, 2008.

STRONG JUNIOR, Edward. **The psychology of selling and advertising...** New York: McGraw-Hill-Book Company, 1925.

THE FUN theory 1: piano staircase initiative: Volkswagen. [S. l.]: Volkswagen Publicado pelo canal Volkswagen. 2010. 1 vídeo (1 min. e 47 s.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SByymar3bds&t=13s>. Acesso em: 04 jan. 21

UNITED STATES. Joint Chiefs Of Staff. **Commander's Communication Synchronization.** Joint Doctrine Note 2-13. 16 December 2013. Disponível em: [https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/jdn\\_jg/jdn2\\_13.pdf](https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/jdn_jg/jdn2_13.pdf). Acesso em: 10 mar. 2021.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

WOOLSEY, R. James. Introdução. In: PACEPA, Ion Mihai; RYCHLAK, Ronald J. **Desinformação: ex-chefe de espionagem revela estratégias secretas para solapar a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo.** Tradução de Ronald Robson. Campinas: VIDE Editorial, 2015. p. 17-19.

